

«A LUSOMORANGO QUER REFORÇAR O TRABALHO NO MERCADO NACIONAL»

Há três meses no cargo de director-geral da Lusomorango, Joel Vasconcelos enumera a sustentabilidade económica, ambiental e social como pilares da Organização de Produtores que, apesar de manter o foco na exportação, quer, a curto prazo, aumentar o peso que os frutos vermelhos têm no mercado nacional.

Ana Gomes Oliveira

Sustentabilidade económica, ambiental e social. São estes os três pilares que regem a actividade da Lusomorango, a maior Organização de Produtores de frutos vermelhos sediada em Odemira, numa altura em que estão a implementar um Centro de Investigação com vista à optimização dos recursos nas explorações. A habitação para os trabalhadores sazonais surge como uma prioridade do conselho de administração e dos associados da Lusomorango, bem como o objectivo de aumentar o peso dos pequenos frutos no mercado nacional e internacional.

Estas são ideias partilhadas por Joel Vasconcelos que é, desde Setembro de 2023, director-geral da Lusomorango, tendo

participado pela primeira vez nessa qualidade na última edição da Fruit Attraction, em Madrid, e no âmbito da qual falou à nossa revista.

Recorde-se que Joel Vasconcelos exerceu nos últimos sete anos cargos em gabinetes ministeriais, começando por ser, de 2016 a 2019, adjunto para as questões Regionais do Gabinete do primeiro-ministro de Portugal. De 2019 a 2020 foi adjunto da ministra da Agricultura, desempenhando depois durante quase um ano as funções de chefe de Gabinete do secretário de Estado da Agricultura e do Desenvolvimento Rural. Até 2022 foi chefe de Gabinete da ministra da Agricultura e de Março de 2023 a Setembro último trabalhou como chefe de gabinete do secretário de Estado da Agricultura.

Abraça agora este desafio, tendo sido seleccionado através de um processo de recrutamento realizado por uma empresa de *executive search*.

Antes de assumir o cargo de CEO da Lusomorango, trabalhava como chefe de gabinete do secretário de Estado da Agricultura. O que o levou a fazer esta mudança?

Trabalhei no sector privado durante vários anos, mas na área da educação, da formação. Depois tive uma experiência no sector público, desempenhando várias funções no Governo e entendi que estava na altura de abraçar outros desafios para a minha vida profissional. Aconteceu esta coincidência muito feliz que foi a Lusomorango estar no mercado à procura de um director-geral. Trabalhei muito com produtores de Odemira em várias medidas públicas que foram implementadas e foi com grande satisfação que me disponibilizei para poder responder a esta necessidade da Lusomorango. E refiro-me a uma feliz coincidência também do ponto de vista pessoal, uma vez que é um desafio que me realiza. Exerci funções onde tive um contacto muito directo com todos os sectores da actividade agrícola nacional, desde a pecuária, o queijo, o leite e os pequenos frutos, cujo contexto dos últimos anos exigiu uma forte atenção das entidades públicas. E naturalmente que acompanhei todas essas questões, nomeadamente os desafios do território de Odemira.

Como está a situação das condições de habitação para os trabalhadores sazonais?



Neste momento já se fez um bom caminho através de planos de habitação para os trabalhadores ditos sazonais que esta actividade económica necessita. Mas a Costa Vicentina não é a única região do País nem a agricultura a única actividade económica onde esta questão se coloca. Há outras áreas que também dependem muito desta mão-de-obra sazonal, como a construção civil. Existem também outras fileiras com as mesmas necessidades, como a vinha e o olival, e outros sectores de actividade, como a restauração ou a hotelaria. Portanto, a primeira nota que gostaria de deixar é que este não é um problema só de Odemira e só do sector dos frutos.

Foi uma das regiões mais descortinada face às condições habitacionais existentes...

Sim, fruto daquilo que foi a pandemia e a cerca sanitária que foi feita em Odemira e que fez com que o problema neste território específico ganhasse uma visibilidade diferente. De qualquer modo, as empresas assumiram a responsabilidade dentro daquilo que é a oferta de alojamento para os trabalhadores sazonais. Assumiram a responsabilidade e protocolaram isso com o Governo. A de poderem construir soluções temporárias de habitação dentro das suas explorações, cumprindo um conjunto de normas e de regras. No âmbito deste processo, nos últimos anos, as empresas da Lusomorango já investiram, e estão a investir, mais de 2 milhões de euros na instalação das chamadas IATAs (Instalações de Alojamento

Temporário Amovíveis). E, portanto, é um esforço enorme que as empresas estão a fazer, mas que não resolve todo o problema. Porque este resolve-se se existirem, naquilo que é a habitação em perímetro urbano, soluções e respostas para uma necessidade que é nacional, a de haver mais habitação a custos acessíveis. Soluções que permitam aos trabalhadores deste sector e a outros encontrarem respostas dignas para as suas condições de habitação. Como referi, as empresas associadas da Lusomorango já investiram perto de 2 milhões de euros, já criaram mais de 500 camas para os trabalhadores sazonais. É um trabalho que fazemos em permanência e que queremos naturalmente reforçar.

No fundo, está a falar de sustentabilidade social, uma das mensagens que trazem patente nas comunicações do vosso stand para esta edição da Fruit Attraction. Mas há aqui também foco na sustentabilidade ambiental e económica. Por que consideraram importante trazer estes slogans?

Sentimos que temos a necessidade e a obrigação de, para já, reproduzir aqueles que são os princípios e valores dos produtores Lusomorango que vão ao encontro da missão da empresa, que é produzir com qualidade, tendo um produto que se diferencia no mercado, mas trabalhado de uma forma sustentável. E quando falamos de sustentabilidade, falamos de sustentabilidade económica, naturalmente, porque tem



Somos especialistas em armazenamento reefer

- Armazenamento com temperatura controlada (de 0°C a 18°C / 0°C a -22°C)
- Armazém com 3.000 m², dos quais 2.000 m² dedicados a carga refrigerada
- Autorização aduaneira à exportação e Importação (Entreposto Aduaneiro)
- Controlo veterinário

Excellence in Maritime and Logistics Services

Estrada da Quinta dos Conegos 2580-465 Carregado (Portugal)

M +351 91 887 18 80 - reeferptlis@marmedsa.com

www.noatummaritime.com



de ser uma actividade rentável, mas esta tem de ser atingida através de uma agricultura sustentável do ponto de vista ambiental. Por isso, a Lusomorango e os seus produtores têm feito um esforço enorme para serem cada vez mais sustentáveis no que toca ao uso dos recursos, como a água. Tem havido um grande empenho para se fazer essa transição para uma maior eficiência.

De que forma a Lusomorango impulsiona esta estratégia?

De todas as formas que estão ao nosso alcance. Como Organização de Produtores, a Lusomorango está neste momento a implementar um projecto que é o Centro de Investigação para a Sustentabilidade, na Quinta da Fataca, em Odemira. O trabalho de investigação e experimentação já está em marcha tendo como objectivo conseguir imprimir uma redução de cerca de 30 por cento no uso de água nas nossas culturas. Ou seja, torná-las ainda mais sustentáveis do ponto de vista hídrico, mas também na utilização dos produtos fitofármacos. A par disso, estamos a experimentar novas formas de poder recorrer à luta biológica.

Estamos a falar de soluções que vão muito ao encontro das metas europeias, certo?

Sim. A sustentabilidade ambiental é central. É um dos pilares da nossa visão e da nossa missão, bem como a sustentabilidade social. Tudo isto só faz sentido se tivermos nas nossas equipas, nas nossas organizações e explorações agrícolas, trabalhadores que estejam comprometidos com estes objectivos e que vejam respeitados todos os seus direitos e ambições.



Esta sustentabilidade social é também um factor determinante para nós. Quisemos mostrar nesta feira aquilo que é o trabalho diário da Lusomorango, dando uma forte visibilidade a estes valores que estão intrínsecos àquilo que somos. A Lusomorango produz desta forma e tem produtos de qualidade e apreciados pelo mercado. É este o posicionamento. Com uma actividade rentável para os seus produtores, ou seja, sustentável economicamente, produzimos de forma cada vez mais sustentável do ponto de vista ambiental e social. Há que comunicar ao mercado que a nossa actividade é assim. E é isso que estamos a fazer aqui.

Estamos num encontro ligado à capacidade exportadora das empresas. Como foi este ano de 2023 para a Lusomorango?

É preciso frisar que a região onde produzimos, no perímetro de rega do Mira, vive um contexto muito específico, onde, face às limitações de disponibilidade de água, as empresas não conseguem aumentar as áreas de produção nas suas explorações agrícolas. Portanto, o facto de a cota da barragem estar abaixo do normal, constitui-se como um factor limitativo. Compreendemos que não havendo água não faz sentido estarmos a aumentar áreas de produção, mas é preciso pensar no que temos de fazer para mudar este cenário. Nesse sentido, defendemos que temos de tornar as áreas que já estão instaladas mais eficientes. Mais eficientes para que possamos produzir tanto ou mais, mas utilizando menos recursos. Neste caso, a água. E, portanto, o trabalho e os investimentos que os produtores estão a fazer, a par da investigação que já pusemos em marcha, espelham este esforço. Pretendemos que tenha resultados, mas o crescimento da produção, esse, está muito limitado por este factor, que é de contexto e que obviamente limita a Lusomorango. No entanto, somos uma organização com cerca de 40 produtores e, apesar de alguns dos maiores trabalharem em Odemira, temos muitos pequenos agricultores que se espalham por outras zonas, como no Algarve e no Ribatejo. Esperamos crescer nesses outros pontos, onde o contexto pode não ser tão limitativo. E claro que feiras como esta são importantes, porque a grande maioria do volume comercializado pela Lusomorango é para o mercado da exportação.

Nessa área qual é a aposta?

Sabemos que a Europa, em particular o Norte da Europa, reconhece uma grande qualidade na nossa produção, pelo sabor, pela textura e pelas nossas práticas sustentáveis, sendo por isso altamente valorizada nesses mercados. Apesar de o mercado de exportação se manter como a nossa prioridade, temos o objectivo de aumentar o peso que os frutos vermelhos têm no mercado nacional. É um trabalho que também nos move e um caminho que queremos fazer também a curto prazo. Até porque são mais do que conhecidos os benefícios que o consumo destes frutos têm para a saúde e a tendência de crescimento. Entendemos por isso que devemos reforçar o nosso trabalho no mercado nacional. ●